

PORTUGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO 2

Rocha Peixoto

D, 5

UMA ORNAMENTAÇÃO CERAMICA ACTUAL

DE

CARACTER ARCHAICO

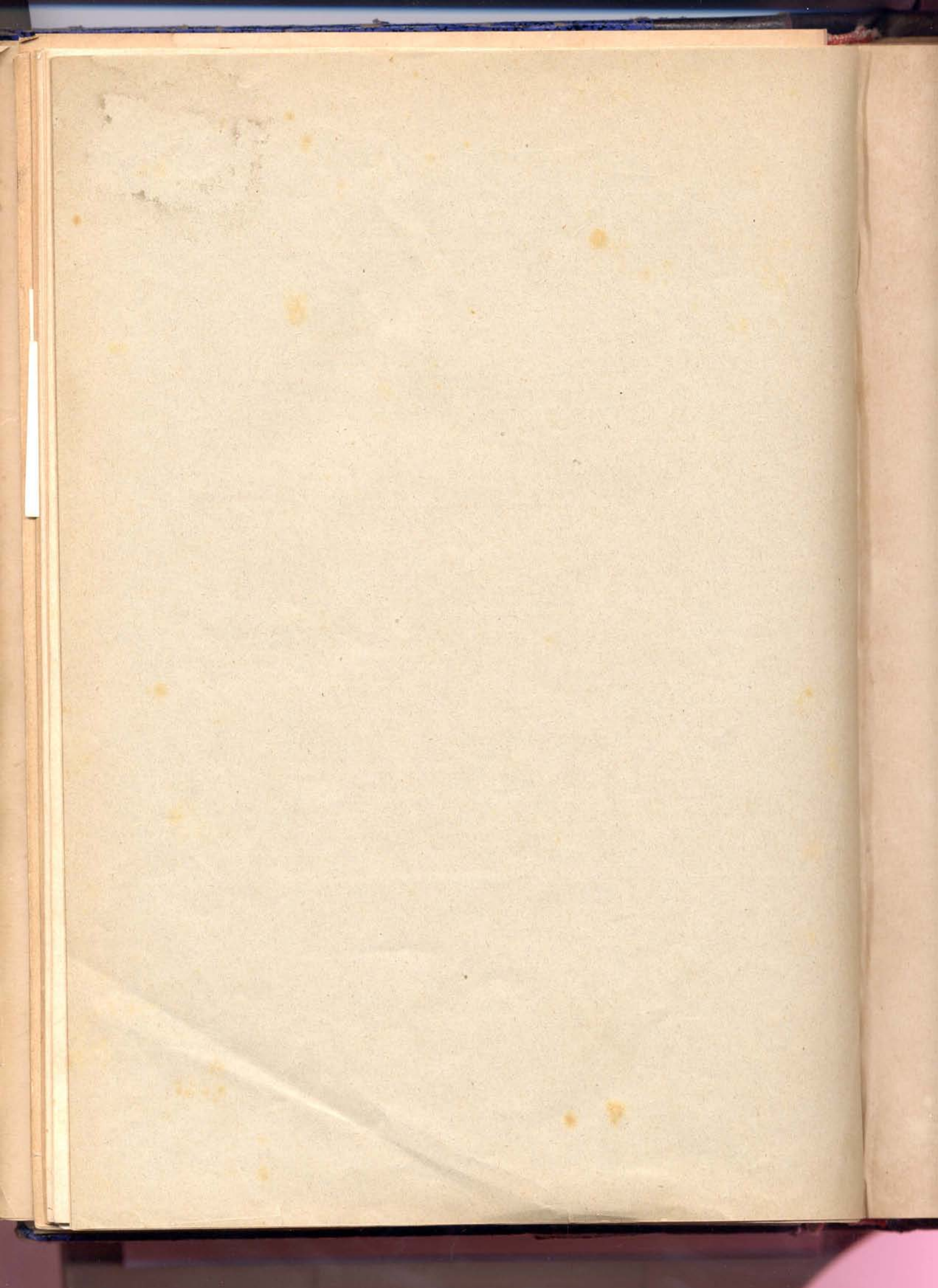
Com uma illustração no texto



BIBLIOTECA E MUSEU
MUNICIPAL
— DA —
Póvoa de Varzim



PORTO
IMPrensa PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112
—
1908





UMA ORNAMENTAÇÃO CERAMICA ACTUAL DE CARACTER ARCHAICO

A industria ceramica popular vimaranense acantona-se, ao sul da cidade, no bairro denominado Cruz da Pedra. São trinta, proximamente, os fabricantes, contando aprendizes, operarios e mestres, numero esse cuja averiguação particular não offerece notorias divergencias com os dados exhibidos no relatorio d'um certamen concelhio ¹, nem com os algarismos fornecidos pelo inquerito industrial ². O aprendizado domestico começa aos dose annos e, ao deante, não installando ou herdando officina propria, o novo operario contractar-se-ha como jornaleiro d'uma especialidade: a dos fornos, a dos pucaros ou a dos cantaros. Pago á peça e fabricando n'uma hora, quando dextro, cinco cantaros, o salario raro excede trez tostões diarios. O desaffogo do mestre, entretanto, não se avanta em demasia: o barro que compra em Prado custa-lhe de vinte a vinte e cinco tostões o carro; de cinco a vinte oscilla o preço da carrada de combustivel, tojo ou rama de pinheiro; os jornaes ainda, os prejuisos fortuitos e a propria subsistencia, por fim, definham até á ultima extremidade a retribuição obtida, mesmo aos que logram effectuar regularmente uma fornada semanal.

A produção de anno, que não attinge uma dezena de contos de réis ³—e aqui os informes do inquerito official ⁴ différem singularmente d'outros numeros mais authenticos—dispersa-se pelo concelho, Fafe, Lixa, Amarante, Basto, Cavez e Penafiel, cabendo ao intermediario, como sempre acontece com esta manufactura rustica ⁵, o maior quinhão do trafico.

Para os seus artefactos ceramicos dispõem os oleiros de Guimarães d'uma argilla ferruginosa local ⁶ e, principalmente, do barro que adquirem em Prado. Com aquella apenas fabricam tijolo, ainda ligada aos sobejos da alheia; com esta só misturam insignificantes quantidades da materia prima regional, nem sempre e nem em toda a olaria. O barro é moído com um pisão de carvalho ou de oliveira na concavidade d'um grosso tronco de arvore, depois do que se peneira atravez d'um crivo em que a rêde é de arame. Amassado, vae seguidamente para a *roda*, que é o conhecido torno de Prado, auxiliando-se o artifice com o panno humido e as cannas subsidiarias. E separadas as loiças do apparelho por via d'um fio, vão a seccar dois ou mais dias para os *andames* ou prateleiras de loja ou de telheiro, e, em alguns raros casos, ao sol, mas com demora breve.

O forno que adoptam para a cocção da sua loiça comporta uma vasta fornalha no sob-solo e um recinto superior abobadado cujo pavimento de separação é de tijolo e em grade. O ingresso das vasilhas realisa-se pela porta que se abre n'est'ultimo compartimento, vedando-a ainda com tijolos durante as seis ou sete horas necessarias para a operação e deixando apenas superiormente as frestas indispensaveis para a tiragem e para a averiguação do estado em que segue a cosedura.

Além dos tijolos e dos tubos para canalisação os ceramistas de Guimarães fabricam pucaros com uma capacidade que varia desde o quartilho ao almude; cantaros

¹ *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884*, pag. 22. Porto, 1884.

² *Inquerito industrial de 1890*, III, pags. 178-9. Imp. Nac. Lisboa, 1891.

³ *Relatorio cit.*, pag. cit.

⁴ *Inquerito cit.*, pags. 236 e 247.

⁵ ROCHA PEIXOTO, *As olarias de Prado*, in *Portegalia*, I, pags. 265-6. Porto, 1900.

⁶ CHARLES LEPIERRE, *Estudo chimico e tecnologico sobre a ceramica portugueza moderna*, pag. 42, analyse n.º 29. Imp. Nac. Lisboa, 1899.

grandes, sendo realizados separadamente o bojo, a gola e a asa e tendo esta, na extrema que a prende á pansa, duas depressões effectuadas com as pontas dos dedos, precisamente como se veem em ansas de amphoras romanas; alguidares redondos e de forno; fôrmas para pão-leve; infusas e vasos para flores; testos côvos com a pega-deira em forma d'um volumoso mamillo, tal qual o mesmo artefacto exhumado das ruínas castrejas; fornos, por fim, levantados á mão e sem fôrma, apenas com o auxilio d'uma cortiça e destinados a serem revestidos com cal e tijolo que lhes deem resistencia ¹. Estylo, o das loiças de Prado.

Um typo de vasilhas ha, entretanto, cuja ornamentação dá um caracter peculiar á loiça *de luxo* fabricada n'esta estancia—excepção feita d'algumas bilhas de barro para agoa, tambem com decoração micacea, e antigamente fabricadas nas Caldas da Rainha ². Consiste este processo de ornamento na applicação de palhetas de moscowite sobre os cavados da ornamentação geometrica incisa e ainda sobre os florões, aves, carrancas, brasões e outros accessorios figurados com que é de uso embellesar esta olaria. A materia prima procede d'uma rocha muito micacea que buscam no logar de Fonte Santa; obtida ella e fragmentada vae ao forno onde, como lá dizem, é cosida; e alcançado por esta elevação de temperatura o descasque das lamellas da substancia, pisada n'um almofariz e finalmente passada por um crivo, resta a poalha lusente, *como a escama da sardinha*, que vae polvilhar relêvos e cavados.

Uma das formas mais vulgares, senão a predominante, denuncia logo uma galba archaica. Compare-se a estampa com a que figura uma antiquissima forma grega ³: é a mesma a architectura geral, apenas mais rotunda a especie portugueza, divergente a asa, e ausente, na pre-hellenica, a aselha adjuvante. O mesmo prato servindo de testo, a mesma pucara para tirar agoa e a beber, a mesma tampa cuja péga é uma ave se encontram n'uma e n'outra! Só os ornamentos, como processo e profusão, se differenciam, não sem que, em ambos, se encontrem elementos communs, principalmente as linhas quebradas e os losangos.

Na vasilha vimaranense as depressões digitaes no rebordo, de applicação tam primitiva e ainda tam frequentes n'outras loiças ruraes ⁴, e bem assim os *refegos* ou canneluras verticaes da gola, por egual de uso já proto-historico ⁵, associam-se com outras particularidades de ornamentação incisa em que as linhas interrompidas, os losangos, as curvas e as combinações de todos estes elementos logo suggerem os longinquos enfeites das loiças neolithicas e de certas da idade do bronze. Os accessorios relevados onde dominam principalmente rosaceas, breve lembram os ornamentos simi-



Fig. 1—Bilha de barro — De Guimarães
1/10 gr.

¹ ROCHA PEIXOTO, ob. cit., fig. 87 (em miniatura) de pag. 262. — Consideram optimos estes fornos para impedirem a invasão dos ratos e a consequente devastação dos pães arrecadados. A manufactura dos fornos de argilla, outr'ora lucrativa, vae em decadencia.

² JOAQUIM DE VASCONCELLOS, Secção de *Ceramica* no *Guia do Museu municipal do Porto*, pag. 96. Typ. Central. Porto, 1902.

³ PERROT et CHIPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, VII, *La Grèce archaïque*, fig. 44 de pag. 163. Hachette ed. Paris, 1898.

⁴ ROCHA PEIXOTO, *Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal*, in *Portugalia*, II, pag. 77. Porto, 1905.

⁵ ANTONIO DOS SANTOS ROCHA, *Catalogo do Museu municipal da Figueira*, pag. 142. Figueira da Foz, 1905.

lares exhibidos na ceramica gallo-romana, principalmente nos vasos moldados e depois, a partir do seculo III, obtidos em moldes proprios e applicados a seguir sobre o vasilhame levemente secco ¹. Por fim a applicação da conteira é outro recurso legado, sequer, pelas loiças do convencional typo de Arezzo.

De toda esta variedade de pormenores decorativos sobresahe, todavia, a adopção d'uma substancia estranha á argilla para, com o seu brilho, realçar d'onde a onde, em zonas ou relêvos symetricos, a côr mate e quasi neutra da pasta fundamental da vasilha. E' o emprego da moscowite, recurso tam ingenuo como barbaro, muito conhecido nas loiças dos castros pela mistura das lamellas á pasta, mas, na loiçaria vimaranense, applicadas directamente sobre os ornamentos do hydrocerame já edificado. Analogamente, na idade do ferro, as urnas da necropole de Golasecca apresentavam nos cavados da sua ornamentação em dentes de serra uma especie de esmalte branco ²; outra calote ceramica da necropole de Valtravaglia exhibia estrias com o aspecto da prata, produzidas visivelmente por meio do chumbo ou do estanho ³; e com este metal é tambem sabido que se ornava vasilhame desde os tempos prehistoricos até aos alvares da historia ⁴. Os pregos e as incrustações de bronze então são frequentissimas nas ornamentações da ceramica, tam varia de forma e de elementos decorativos, que, nas necropoles italianas, apparece com a profusão sabida desde que se conhece aquella liga até aos esplendores da idade do ferro ⁵.

O intuito e a similitude de proceder são já muito instructivos ao considerar-se o mesmo genero de artefactos; mas a lição resultará mais interessante quando estudarmos outros utensilios actuaes em que ainda a incrustação do estanho representa o mais nobre elemento ornamental.

Porto. Janeiro, 1906.



¹ JOSEPH DÉCHELETTE, *Les vases céramiques ornées de la Gaule romaine*, II, pags. 109-65, 168 e 192-303. A. Picard ed. Paris, 1904.

² OSCAR MONTÉLIUS, *La civilisation primitive en Italie depuis l'introduction des métaux*, 1.ªe partie, *Italie septentrionale*, I, cols. 240 e Atlas, figs. da pl. 43. Stockholm, 1895.

³ MONTÉLIUS, ob. cit., cols. 253-4 e fig. 11 da pl. 46.

⁴ VICTOR GROSS, *Les Protohelvètes*, pag. 97. Asher & C.^{ie} eds. Berlim, 1883. — FELIX REGNAULT, *Essai sur les debuts de l'art ornemental géométrique chez les peuples primitifs*, in *Bull. de la Soc. d'Anthropologie de Paris*, VII, pag. 542. Masson ed. Paris, 1896. — G. CHAUVET, *Poteries préhistoriques à ornements géométriques, en creux*, in *L'Anthropologie*, XII, pag. 642. Masson ed. Paris, 1901. — G. et A. DE MORTILLET, *Le Musée préhistorique*, 2.^a ed., figs. 1272-5 da pl. XCVI. Schleicher ed. Paris, 1903.

⁵ MONTÉLIUS, ob. cit., cols. 210, 287-8, 290, 305, 369 e 379; figs. 14 da pl. 38; 3, 4, 12 e 13 da pl. 52; 11 e 13 da pl. 57; 7 da pl. 58; 17 da pl. 59; 11 da pl. 75.



